

O culturalismo de Freyre versus a persistência dos determinismos de “raça” e “clima” na formação social brasileira

Uma reflexão a partir de ‘Casa Grande & Senzala’

Vinicius Rodrigues Zuccolotto¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo refletir sobre as ideias de Gilberto Freyre acerca da formação social brasileira, mostrando como o autor, ainda que definitivamente culturalista, não abandona conceitos deterministas como “raça” e “clima” em sua obra. A análise se dá a partir de “Casa-Grande e Senzala”, em comparação com aspecto das teses de caráter determinista e culturalista. Tal estudo aprofunda o campo de pesquisa sobre a formação brasileira e as explicações a respeito de como se deu essa constituição. Desse modo, poder-se-á chegar à conclusão de que Gilberto Freyre ajuda a fundar/desenvolver uma corrente, ao se afastar dos determinismos e racismos, sem, contudo, deixar de usar alguns elementos ligados ao próprio determinismo – como raça por exemplo. Uma breve explicação a respeito das principais ideias de cada uma das correntes citadas servirá de parâmetro para a análise da obra deste escritor pernambucano, que, ao acrescentar luzes aos estudos da formação social brasileira, marcou a sociologia nacional.

Palavras-chave: culturalismo; raça e clima; povo brasileiro; miscigenação.

Abstract: This article aims to ponder the ideas of Gilberto Freyre over the Brazilian social formation, demonstrating how the author, even definitely culturalist, does not abandon the determinism conception such as “race” and “climate” in his work. The analysis starts from “Casa-Grande e Senzala”, comparing with the determinists and culturalists thesis. This study steep oneself in the research camp over the Brazilian formation and the explanations about how was its constitution. Thus, it may be concluded that Gilberto Freyre helps to establish/develop a current when he moves away from the determinisms and racisms, without, however, abandon the use of some elements linked to the own determinism - such as race, for example. A brief explanation of the main ideas of each one of the currents quoted will serve as a parameter for the analysis of this Pernambuco writer, which, by adding lights to the Brazilian social formation studies marked the national sociology.

Keywords: culturalism; race and climate; Brazilian people; miscegenation.

*Da cunhã é que nos veio o melhor da cultura indígena. O asseio pessoal.
A higiene do corpo. O milho. O caju. O mingau. O brasileiro de hoje
amante do banho e sempre de pente e espelhinho no bolso,
o cabelo brilhante de loção ou de óleo de coco,
reflete a influência de tão remotas avós.*

Gilberto de Mello Freyre (1933)

¹ Bacharel em Direito pela Universidade de Vila Velha (UVV). Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Contato pelo e-mail: vinicius.r.z@hotmail.com
Revista Simbiótica - Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias.
Departamento de Ciências Sociais - ES - Brasil - revistasimbiotica@gmail.com

Introdução

Falar da formação social brasileira nos obriga a falar também sobre teorias deterministas e racistas. Muitos foram os autores e cientistas que abordaram a questão afirmando que a presença de diferentes raças no nosso território havia contribuído para a formação “inferior” do povo brasileiro – em relação aos povos europeus.

Para os que defendiam essas ideias, o simples fato de ter como ascendente uma raça/etnia como a dos negros africanos ou a dos índios americanos, já tornaria o povo detentor de características previamente determinadas, consideradas por eles atrasadas ou ruins. Haveria, portanto, por essa lógica, uma superioridade de algumas “raças” sobre outras, sendo essa superioridade oriunda da carga genética - deterministas.

Como que rebatendo essas teorias, surge a corrente dos culturalistas, liderados, entre outros, por autores como Franz Boas, alemão que, já nos Estados Unidos, desenvolve a questão da não superioridade entre raças, trabalhando a percepção que cada cultura deve ser estudada de forma singular. Entre os brasileiros, Gilberto Freyre aparece como um dos nomes mais fortes a advogar nessa mesma lógica.

Segundo os culturalistas, não há determinismo biológico ou físico na constituição de cada pessoa. Do mesmo modo, a sociedade isoladamente também não forma o indivíduo. Nesse sentido, Freyre põe a cultura como chave para explicar um povo. Porém não o faz se esquivando por completo dos determinismos. Cunha (2007), discorrendo sobre as ideias de Freyre, diz, por exemplo, que cada indivíduo é formado por um conjunto de fatores: é nesse ponto que está um traço da herança dos determinismos de raça e clima. Isto porque Freyre vai considerar que muitos fatores influem de forma marcante na formação do indivíduo e conseqüentemente dos povos. E entre esses fatores encontram-se raça e clima. Para ele, esses fatores não vão “determinar” as pessoas/povos, mas sim os orientar de alguma forma.

Este artigo busca averiguar como Gilberto Freyre, forte defensor da Cultura na formação do povo, não abandona alguns conceitos ligados ao determinismo, ainda que os modifique, como faz com os itens acima mencionados. Dessa forma, a metodologia usada é a revisão bibliográfica, tomando por base a importante obra de Freyre, “Casa-Grande e Senzala”, e comentadores da referida obra, como Ventura (2010), Cunha (2007), Ribeiro (1995) e Villas

Bôas (2003), entre outros, que nos ajudam a compreender o pensamento deste grande intelectual brasileiro.

Essa investigação nos ajuda a pensar a formação do pensamento social brasileiro, considerando que abarca um grande autor do país, que abriu um largo campo para análises sociológicas quando se propôs a desenvolver uma teoria tão diversa da dominante até então, qual seja, o Determinismo.

Podemos considerar, inclusive, inaugurada essa nova percepção, no Prefácio de “Casa-Grande e Senzala”, quando diz Freyre:

Foi o estudo de Antropologia sob a orientação do Professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor - separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural. Aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio. Neste critério de diferenciação fundamental entre raça e cultura assenta todo o plano deste ensaio. Também no da diferenciação entre hereditariedade de raça e hereditariedade de família (FREYRE, 2003, p.32).

Outrossim, restará patente a importância de Gilberto Freyre na geração de uma nova forma de interpretar a formação social brasileira, considerando muito mais do que meramente conceitos biológicos.

1. Casa Grande & Senzala: culturalismo e determinismo

Em “Casa-Grande e Senzala” (1933), Gilberto Freyre trata do território novo, recém-descoberto, dos primeiros contatos entre as diferentes etnias, dos costumes de cada um dos povos que habitavam o território no período colonial – brancos, negros e índios. Faz isso levando em conta a alimentação, as vestimentas, a vida sexual, a higiene, dentre outros campos do cotidiano. Também disserta acerca da adaptação do lusitano ao novo terreno, e sua inicial interação com os negros e indígenas. E, como ponto fundante do povo brasileiro, inicia seu discurso acerca da miscigenação das raças, que deu origem a um povo mestiço, [Revista Simbiótica - Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias. Departamento de Ciências Sociais - ES - Brasil - revistasimbiotica@gmail.com](#)

chamado brasileiro. Trata, assim, das contribuições de cada uma dessas culturas para a formação de uma cultura mais ampla e abrangente. Uma cultura que consegue acoplar tendências e tradições de ao menos três diferentes grandes grupos.

Assim, é claramente evidenciada a grandiosa análise de Freyre sobre a formação social do Brasil, uma vez que em suas análises o objeto pesquisado não é restrito a determinado ponto; ao contrário, Freyre contempla diversos setores da vida social, construindo assim uma base importante para pensar o Brasil.

Diga-se, a obra marcante inaugura uma nova concepção acerca da formação brasileira, abarcando os mais diversos elementos presentes na história de um povo, tornando-se um dos mais importantes itens da sociologia nacional.

Nessa direção, aponta Sérgio Buarque de Holanda:

(...) O jovem leitor de hoje não poderá talvez compreender, sobretudo em face dos rumos tomados posteriormente pelo seu autor, a força revolucionária, o impacto libertador que teve este grande livro. Inclusive pelo volume de informação, resultante da técnica expositiva, a cujo bombardeio as noções iam brotando como numa improvisação de talento, que coordenava os dados conforme pontos de vista totalmente novos no Brasil de então. Sob este aspecto, *Casa-grande e senzala* é uma ponte entre o naturalismo dos velhos intérpretes da nossa sociedade, como Silvio Romero, Euclides da Cunha e mesmo Oliveira Vianna, e os pontos de vista mais especificamente sociológicos que se imporiam a partir de 1940 (...) (HOLANDA, 1995).

Talvez um dos grandes méritos de Freyre na escolha de seu modo de pesquisar tenha sido, como salienta Juremir Machado da Silva, se preocupar mais com as singularidades dos processos do que com as leis e regularidades (SILVA, 2010).

Não à toa, Gadelha (2000) diz que Freyre é o autor brasileiro que tratou de forma mais ampla a relação entre escravo – de qualquer origem - e senhor. Podemos dizer, portanto, que Freyre consegue inaugurar no Brasil uma forma de interpretação da realidade nova, levando em conta elementos antes ignorados, como alimentação, clima e vegetação, por exemplo.

1.1. A questão das raças

Estudando a formação brasileira é inviável não dar atenção ao tema das raças. O povo brasileiro herdou características culturais de pelo menos três diferentes povos, inicialmente: o branco europeu, o índio nativo e o negro africano. Segundo Freyre, cada uma dessas raças seria detentora de características próprias. É o que se percebe, por exemplo, quando o autor fala sobre o povo luso; inicia assim sua paradoxal afirmação de que não haveria determinismos biológicos, aderindo ao culturalismo – e conseqüentemente abdicando do determinismo:

O português não [se mostrou ineficiente]: por todas aquelas felizes predisposições de raça, de mesologia e de cultura, a que nos referimos, não só conseguiu vencer as condições de clima e de solo desfavoráveis ao estabelecimento de europeus nos trópicos, como suprir a extrema penúria de gente branca para a tarefa colonizadora unindo-se com mulher de cor. Pelo intercurso com mulher índia ou negra multiplicou-se o colonizador em vigorosa e dúctil população mestiça, ainda mais adaptável do que ele puro ao clima tropical. A falta de gente, que o afligia, mais do que a qualquer outro colonizador, forçando-o a imediata miscigenação – contra o que não o indispunham, aliás, escrúpulos de raça, apenas preconceitos religiosos – foi para o português vantagem na sua obra de conquista e colonização dos trópicos. Vantagem para a sua melhor adaptação, senão biológica, social (FREYRE, 2003, p.74).

Percebemos nessa afirmação que Freyre adota a concepção de “predisposições de raça”, isto é, características inerentes a alguma raça, neste caso, ao povo lusitano, que seria portador de uma qualidade de adaptação como poucos povos detêm.

Vale ressaltar que o autor cita como um dos itens pertencentes ao povo português à capacidade de se adaptar facilmente ao clima tropical, haja vista que em seu histórico já conheceu clima parecido – mais semelhante ao africano do que ao europeu. Ainda, informa que o povo de Portugal já é derivado de uma mistura de gentes, na cultura, na família e na genética, donde surge essa característica da adaptabilidade aos trópicos (FREYRE, 2003). Aqui se pode perceber, então, como o sociólogo pernambucano considera a mestiçagem do português em seu próprio território como provedor de uma qualidade.

Verifica-se, portanto, ao longo de toda a obra que Gilberto Freyre aborda a questão das raças considerando, por vezes, que possuem qualidades próprias. Nessa direção, vai falar de um “Equilíbrio de Antagonismos”, isto é, um suposto equilíbrio entre diferentes culturas e raças em contato. Do mesmo modo faz quando se refere às razões de cada uma das etnias para se unir a outra, resultando no povo mestiço. Esse dito “equilíbrio” se dá porque as culturas, estando em contato, tendem a se tornar um tanto mais maleáveis em relação às outras, se suportando e se adaptando a esse contato. Não quer dizer que Freyre negue os conflitos advindos desse embate cultural; ele apenas incita que as diferenças culturais convivem num mesmo espaço e tempo. Aliás, justamente por existir a possibilidade de luta é que usa o termo “equilíbrio”, no sentido de balanceamento de forças – culturas.

Assim, ao longo do texto o sociólogo enfoca as raças, relacionando as especificidades de cada povo. Contudo, o escritor desconstrói a ideia de hierarquia de raças. O que não faz é levar essa mesma desconstrução para o espaço da cultura. Nesse mesmo sentido discorre Roberto Ventura:

Manteve, porém, em uma das muitas contradições de seu pensamento, um viés evolucionista, ao tomar a raça como sinônimo de caráter e cultura e acreditar na existência de povos mais ou menos adiantados, o que entrava em contradição com a pretendida superação dos modelos biológicos e raciais. Afirmou a existência de culturas superiores, como os africanos maometanos trazidos da África, adeptos de uma religião monoteísta, cuja presença na colônia portuguesa teve uma função civilizadora. Proclamou a superioridade técnica do negro sobre o indígena e até sobre o branco no que se refere ao trabalho de metais, à criação de gado, à alimentação e à culinária (VENTURA, 2010).

Ventura (2010) diz ainda que Freyre atribui um valor psicológico às raças, ainda que enfrentando as ideias de “inferioridade congênita de negros”, pois admitia que o meio poderia influenciar a formação humana, bem como que características hereditárias adquiridas poderiam ser transferidas aos descendentes.

Assim, por mais que Freyre não pleiteasse a crença de uma superioridade racial, entendia que cada raça poderia ter características próprias, em mútua relação de influência com o

meio e com a cultura local. Ou seja, do ponto de vista de “hierarquia”, não haveria raça mais avançada que outra; contudo, existem sim diferenças alimentadas pela genética racial – ainda que não seja esse o único fator a influenciar.

1.2. A questão do clima

Como já dito, não apenas o quesito “raça” traria efeito sobre a formação dos povos; também o clima e a cultura trariam consequências. Porém é sempre válido ressaltar que para este autor, clima e raça não são fatores determinantes.

Quanto ao clima, Freyre sempre se refere ao prévio conhecimento do português ao clima tropical – pela proximidade do continente africano e pelas aventuras marítimas dos lusitanos – como ponto importante na adaptação dos colonizadores.

Além disso, refere-se ao conjunto de vestimentas – poucas – usadas pelas índias nativas como ponto estimulante para o cruzamento das raças: índias quase que totalmente despidas em contato com portugueses em grande parte considerados “degenerados” em sua terra natal. Note-se que o autor considera o clima tropical como definidor do modo de vestir dos povos nativos.

Assim, quanto ao clima, o que mais importante se tem a falar é mesmo sobre a influência deste nos costumes dos índios e na facilitada adaptação do europeu ao Brasil pelo contato anterior do português com clima similar.

Interessante ainda, pois, lembrar que Freyre fala sobre a relação entre clima e ativação sexual, bem como entre clima e maturidade da mulher. A respeito disso, afirma:

Não é ponto sobre o qual se possa sentenciar, esse do clima tropical antecipar por influência sua, direta, a vida sexual. Há quem desloque o fato para a questão de raça e até para a social, de classe e ambiente. Que nos adventícios o clima superexcite os órgãos sexuais e antecipe nas mulheres a menstruação parece fora de dúvida. Que continue a excitá-los nos indivíduos já aclimatados, é ponto dúbio. Quanto à menstruação ocorrer mais cedo nos trópicos, as estatísticas nos surpreendem com o fato de também entre esquimós a puberdade ser

precocemente atingida. Daí o critério de raça que alguns pretendem aplicar ao assunto, de preferência ao de clima. Mas a despeito de tão importante exceção, a tendência geral, registrada pelas estatísticas, é efetivamente no sentido da menstruação verificar-se mais cedo nos trópicos que nos países de clima frio ou temperado (FREYRE, 2003, p.334).

Logo, pode-se perceber que Gilberto Freyre conseguiu abordar uma temática antes relevada, no caso, o clima, extraindo desse assunto importantes considerações, traçando um elo de ligação com hábitos sociais. Dessa forma, mais uma vez o autor inova na explicação a respeito da formação social do povo brasileiro.

46

1.3. A miscigenação

Por tudo que já foi dito, subentende-se que, para os deterministas, é um prejuízo para uma raça “superior” se misturar com uma de qualidade “inferior” – considere-se que os adeptos dessa crença acreditam em hierarquia racial. Isso porque, se biologicamente as características são transmitidas aos descendentes, os mestiços herdariam também as más qualidades das raças atrasadas.

De modo diferente pensam os culturalistas. Para estes, a herança genética não carrega traços que tornem um povo inferior ao outro. Se há um maior desenvolvimento de um povo em relação à outro no tocante a algum ponto, este se dá pela cultura de cada um dos grupos envolvidos.

Seguindo essa linha, Freyre faz afirmações no sentido de culpar a insuficiência de alimentos e a falta de saneamento como elementos fundamentais para o atraso do Brasil, mudando o alvo principal anterior, que era a mestiçagem. Lembre-se, claro, que Freyre adota a ideia de predisposições de raça, que condicionam a cultura (VENTURA, 2010). Nesse sentido, as raças seriam portadoras de determinadas características, não apenas de cunho físico, mas também de liame psicológico.

Freyre considera ainda a possibilidade de a miscigenação ter consequências positivas, ao contrário do que dispunham os deterministas. Por essa razão, o próprio povo português teria adquirido características favoráveis à adaptação ao território e clima brasileiros, bem como à forma de colonização aqui estabelecida – escravocrata, híbrida, latifundiária. Isso se deve ao fato da mestiçagem já se fazer presente no histórico do povo lusitano. Como bem diz Freyre:

O que se sente em todo esse desadorno de antagonismos são as duas culturas, a europeia e a africana, a católica e a maometana, a dinâmica e a fatalista encontrando-se no português, fazendo dele, de sua vida, de sua moral, de sua economia, de sua arte um regime de influencias que se alternam, se equilibram ou se hostilizam (...) (FREYRE, 2003, p.69).

47

Nesse mesmo sentido, aduz João Alberto da Costa Pinto, citando Freyre, ao dizer que o autor de “Casa-Grande e Senzala” via pontos positivos na miscigenação:

Dentre os elementos fundamentais que caracterizaram a celebração internacional de Freyre estava a reputação do livro *Casa grande & senzala*. O sucesso desta obra deu-se por seu caráter inovador da interpretação sociológica – historiográfica da formação do Brasil. Resumindo, o autor propunha com essa obra uma nova identidade ao povo brasileiro. Identidade essa que divergia frontalmente daquelas apresentadas pelos modelos raciológicos desenvolvidos na cultura brasileira na segunda metade do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX. O principal aspecto dessa renovação estava relacionado à questão racial e aos problemas do mestiçamento no Brasil. Se a tônica interpretativa do pensamento social que o precedeu sustentava a necessidade de um racismo científico para assim justificar-se socialmente a superioridade do homem branco na consolidação da civilização brasileira – uma tese importante a Oliveira Vianna, por exemplo, Gilberto Freyre subverteria essa equação apresentando um novo argumento: as possibilidades civilizacionais da integração racial. Na sua interpretação, o Brasil constituiria-se como racialmente mestiço e essa mestiçagem determinava-se como um elemento positivo, este seria o aspecto central de uma civilização tropical que se elaborava, desde a colonização no século XVI (COSTA PINTO, 2009).

Derivados dessa miscigenação presente no luso, a miscibilidade e a mobilidade se apresentam como pontos a auxiliar toda a adaptação já mencionada do colonizador ao nosso território. Essa mistura de culturas já trazida no português facilitou o seu contato com as mulatas, visto que estas eram cheias de sensualidade (segundo o próprio Freyre), e os portugueses grandes galanteadores.

É válido ainda ressaltar que, além das características do português, a necessidade de povoar a terra também contribuiu para a mistura. O luso necessitava se reproduzir, e encontrou na sensualidade das mulatas o corpo ideal para essa tarefa. Como num ciclo vicioso, a miscigenação destes favoreceu a adaptação do colonizador nesta terra. Nesse sentido, aduz Darcy Ribeiro:

Não vieram mulheres solteiras, exceto, ao que se sabe, uma escrava provavelmente moura, que foi objeto de viva disputa. Conseqüentemente, os recém-chegados acasalaram-se com as índias, tomando, como era uso na terra, tantas quantas pudessem, entrando a produzir mais mamelucos. Os jesuítas, preocupados com tamanha pouca-vergonha, deram pra pedir socorro ao reino (...) (RIBEIRO, 1995, p.89).

Por assim dizer, tem-se uma confluência de fatores que de forma importante contribuiu para que se iniciasse aqui uma miscigenação: ausência de mulheres brancas, clima que postulava a sensualidade, necessidade de povoar a terra, volúpia natural do lusitano, sensualidade das índias. Atentamos ainda para o fato de que não havia apenas as mulheres índias no território; as negras também se faziam presentes, e, por vontade própria ou coação do senhor, sucumbiam às práticas sexuais.

Como se sintetizasse essa miscigenação, principalmente em relação aos indígenas e europeus, diz Freyre:

Híbrida desde o início, a sociedade brasileira é de todas da América a que se constituiu mais harmoniosamente quanto às relações de raça: dentro de um ambiente de quase reciprocidade cultural que resultou no máximo de aproveitamento dos valores e experiências dos povos atrasados pelo adiantado; no máximo de contemporização da cultura adventícia com a nativa, da do conquistados com a do conquistado. Organizou-se uma sociedade cristã na superestrutura, com a mulher indígena, recém-batizada, por esposa e mãe de

família; e servindo-se em sua economia e vida doméstica de muitas das tradições, experiências e utensílios da gente autóctone (FREYRE, 2003, p.160).

Noutros termos, Freyre visualiza aqui uma hibridez oriunda das relações entre as etnias que povoaram o Brasil: com o contato entre as raças, as culturas se tocaram, formando um complexo arraigado de antagonismos, mas ainda assim harmônico.

49

1.4. O povo brasileiro

Como visto, o brasileiro, pode-se dizer, é um povo mestiço. E mestiço não só de duas raças, mas mestiço de três raças. Noutras palavras, é este também o entendimento de Gilberto Freyre (2003). Igualmente entende Rodrigo Cunha:

Freyre e outros pesquisadores, como Câmara Cascudo, se dedicaram, nos anos 1930, a estudar a cultura popular, na busca das expressões culturais que melhor expressariam a singularidade da identidade brasileira. Em Casa Grande & Senzala, Freyre cristaliza a idéia da mestiçagem originada do negro africano, do português branco e do nativo indígena. As festas, as danças e os jogos populares revelariam, assim, o sincretismo cultural, com o samba de origem negra e o gosto africano por festividades se tornando traços característicos da identidade brasileira (...) (CUNHA, 2007).

Então, derivado da mistura de branco, negro e índio. Da mistura de um povo colonizador, um nativo, e um trazido para ser escravo. De um povo cristão com outros dois povos recheados de religiões e deuses diferentes em seu interior, como detinham os povos indígena e africano aqui habitantes. Uma mistura de três continentes. Assim, há no brasileiro um hibridismo proveniente das formas culturais diversas aqui presentes e atuantes.

Por tudo isso, são gritantes os antagonismos ocorridos no interior do Brasil no período colonial. Era preciso, contudo, estabilizar a situação, miscigenar as culturas, ou fazer alguma delas prevalecer sobre as demais. Daí nasce à ideia de Gilberto Freyre de “Equilíbrio de Antagonismos”, isto é, diferentes tradições em contato, de forma mais ou menos equilibrada.

Desse “equilíbrio”, é fácil imaginar que ocorreu uma mútua influência entre as culturas presentes. Para Freyre, a síntese da formação brasileira reside no encontro das culturas numa estranha harmonia. Decifrando também esse tal “equilíbrio” e contato entre culturas, diz Villas Bôas:

(...) Na concepção freiriana cria-se uma cultura singular nos trópicos, que harmoniza os desequilíbrios e amortece os choques de civilização. Os brasileiros não se mantêm coesos pela lembrança de um conflito, mas pela marca que trazem, secreta e intimamente, através do tempo – cunhada pela interpenetração das culturas e pelo senso de equilíbrio de seus antagonismos, suas desproporções e desmedidas [...] (VILLAS BÔAS, 2003, p. 129-130).

Na mesma concepção aborda Francisco Xavier Rodrigues, ao dizer que, em outros termos, ocorreram mútuas influências entre a cultura dominante e a dominada, ainda que persistindo o fator “violência” (RODRIGUES, 2003).

Portanto, aparece a lógica de Freyre segundo a qual o Brasil tem, em seu interior, um jogo de equilíbrio originário do período colonial, graças às diferentes culturas aqui lotadas, convivendo em um diálogo, se não pacífico, ao menos não insuportável.

Considerações Finais

Falar da formação social brasileira sem falar de Gilberto Freyre é fazer um trabalho incompleto. Não que falar apenas de Freyre esgote o assunto. De fato, não. Porém este autor é de extrema relevância neste tema, de forma que suas considerações a respeito do povo brasileiro fazem parte do mais alto escalão das explicações sobre a nossa formação.

Ao inovar, entendendo que o povo brasileiro é um povo mestiço, mas não inferior por isso, Freyre abriu as portas para os culturalistas discutirem os porquês do suposto atraso brasileiro em relação à outros povos. Dessa nova perspectiva, surgem, por exemplo, as explicações do próprio Freyre de que a culpa do atraso não é da mistura de povos aqui encontrada, mas das deficiências na alimentação, na saúde, no saneamento.

Contudo, também é relevante citar que nem tudo que Freyre escreve segue uma “perfeita coerência”: por exemplo, dizer que as raças não comportam hierarquia, ao mesmo tempo que atribui valor psicológico às culturas, é trocar o elemento determinante e cair numa “possível incongruência”. Em outras palavras, o autor compreende que não há uma escala de raças, e que as culturas estão em momentos diferentes.

Porém, mais importante do que analisar apenas as supostas imperfeições do seu pensamento é destacar como este autor traz uma nova forma de pensar o Brasil. A mestiçagem, assim, deixa de ser um prejuízo e passa a ser uma oportunidade de se modificar e adaptar costumes. Claro que aqui não se pretende situar qualquer elemento da cultura no campo do superior ou do inferior. Apenas demonstrar como esse contato pode trazer novidades para ambos os povos, que, querendo, podem adaptar os hábitos do outro para o seu próprio costume.

Por isso, por ter aberto uma nova modalidade de percepção, Freyre aparece como um grande destaque na sociologia brasileira, mesmo muito após a publicação de “Casa-Grande e Senzala”.

Referências

COSTA PINTO, João Alberto. *Gilberto Freyre e o lusotropicalismo como ideologia do colonialismo português (1951-1974)*. Revista UFG. Junho de 2009. Disponível em: http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/junho2009/gilbertofreire.pdf. Acesso em: 13 de fevereiro de 2012.

CUNHA, Rodrigo. *Cultura e Comportamento*. Revista Eletrônica de Jornalismo Científico. Julho de 2007. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=26&id=295>. Acesso em: 12 de outubro de 2011.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 48. ed. São Paulo: Global, 2003.

GADELHA, Regina Maria. *O significado de "Casa Grande & Senzala" para a cultura brasileira*. Revista PUC Viva. Mar, 2000. Disponível em: <http://www.apropucsp.org.br/apropuc/index.php/revista-puc-viva/49-08-outros-500/1884-o-significado-de-qcasa-grande-a-enzalaq-para-a-cultura-brasileira->. Acesso em: 5 de fevereiro de 2012.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. *A sociologia de Gilberto Freyre e o processo civilizador brasileiro*. Revista de Ciências Humanas da UNIPAR. Acrópolis. v.11. n.2. Abril/Junho de 2003. Disponível em: <http://revistas.unipar.br/akropolis/article/viewFile/331/298>. Acesso em: 10 de junho de 2012.

SILVA, Juremir Machado. *Gilberto Freyre, o clássico injustiçado*. ALCEU. v.10. n.20. Janeiro/Junho de 2010. p 70-81. Disponível em: http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu20_Silva.pdf. Acesso em: 16 de julho de 2012.

VENTURA, Roberto. A guerra das raças. In:_____. *Casa-Grande e Senzala*. Folha explica. 2.ed. São Paulo: Publifolha, 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u469488.shtml>. Acessado em: 05 de outubro de 2011.

VILLAS BÔAS, Gláucia. *Casa grande e terra grande, sertões e senzala: a sedução das origens*. In:_____. KOMINSKY, Ethel; LEPINE, Claude; PEIXOTO, Fernanda A. *Gilberto Freyre em quatro tempos*. Baurú: Edusc, 2003, p. 115-134.